

**CIENTISTAS SOCIAIS: IDENTIDADES PROFISSIONAIS EM DISPUTA -
UM ESTUDO DE CASO COM CIENTISTAS SOCIAIS (EM FORMAÇÃO)
DA UFPE**

**SOCIAL SCIENTISTS: PROFESSIONAL IDENTITIES IN DISPUTE - A
CASE STUDY WITH SOCIAL SCIENCE STUDENTS FROM UFPE**

*Lujan Fragoso de Farias Júnior**

Universidade Federal De Pernambuco (UFPE)

RESUMO

Esse estudo busca, por meio das ferramentas analíticas da 'Sociologia das Profissões', transformar a profissão de cientista social em problema sociológico. Assim o faz partindo da análise de como o processo de formação da identidade profissional do sociólogo é "clivado" entre a concepção de sociologia "acadêmica/crítica/militante ou rígida" e uma imagem de ciência social "não ciência/dócil/vendida ou dinâmica". No final do trabalho, é retomada a discussão por um modelo, pautado na interlocução, que supere os binômios e unilateralidades e busque na realização profissional dessa ciência, pluriparadigmática em termos teóricos, a compreensão da variedade de atividades que a profissão pode oferecer.

Palavras-chave: Sociologia das profissões. Cientistas sociais. Identidade profissional.

ABSTRACT

This study seeks, through the analytical tools of the 'Sociology of Professions,' to transform the profession of social scientist into a sociological problem. It does so by analyzing how the process of forming the professional identity of sociologists is "split" between the conception of sociology as "academic/critical/activist or rigid" and an image of social science as "non-science/docile/compromised or dynamic." At the conclusion of the study, the discussion revisits a model based on dialogue, aiming to overcome dichotomies and unilateral perspectives. This model emphasizes the professional fulfillment of this theoretically multi-paradigmatic science and its potential to encompass the diverse activities the profession can offer.

Keywords: Sociology of Professions. Social Scientists. Professional Identity.

*Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) na UFPE.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um desenvolvimento da pesquisa "Perfil social,

Artigo Recebido em: 22/03/2019. Aceito em 06/06/2023.

Revista Idealogando, Recife, v. 7, n. 1, p. 3-13, 2023, Universidade Federal de Pernambuco



Este artigo está sob uma [Licença Creative Commons 4.0 Internacional - CC BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

aspirações e motivações profissionais dos estudantes de graduação em Ciências Sociais”, elaborada pela Profa. Eliane da Fonte como projeto para o Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Na busca por compreender as aspirações pessoais e profissionais do atual corpo discente de Ciências Sociais da UFPE (Campus Recife), foi discutido e elaborado coletivamente entre a Profa. Tutora e os integrantes do grupo PET, dentre os quais participo na condição de bolsista, um roteiro de entrevista semiestruturada e um questionário autoaplicável. Aqui, são utilizadas parte das respostas que se destacaram no curso da entrevista com dois estudantes para compreender a situação particular em que a profissão de sociólogo/cientista social está circunscrita. Ademais, a análise dos blocos D (estratégias de profissionalização) e E (horas livres, lazer, preferências culturais e políticas) do instrumento de pesquisa quantitativo se mostrou pertinente para mensurar, por exemplo, a relação de projeção que estes profissionais em formação estabelecem com as diversas atuações no mercado, a inserção no sistema acadêmico, e a participação em movimentos sociais e políticos. Para criação das tabelas que estão presentes no trabalho, foram realizados no programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) cruzamentos entre a variável que discrimina a modalidade do curso - bacharelado ou licenciatura - e algumas das variáveis presentes nos dois blocos citados.

Como aporte teórico para esse estudo de caso, os empreendimentos de Eugênio Carlos Ferreira Braga (2009; 2011) e José Carlos Durand (1984) sobre uma “Sociologia dos Cientistas Sociais”, ou uma Sociologia das Profissões focalizada no estudo do desenvolvimento da profissão de sociólogo no Brasil, são imprescindíveis a fim de se compreender a formação de subgrupos profissionais de identidade conflitantes no contexto da sociologia brasileira. Conforme observado, embora as instituições credenciadoras - universidades - sejam responsáveis pelo repasse de conhecimentos teóricos e, sobretudo, saberes profissionais, isto é, formas de agir em situação de trabalho (DUBAR, 2012), é no próprio desempenhar da atividade profissional que se realiza - ou não - a identidade profissional do cientista social.

Assim, o texto que se segue é dividido em três seções, em que se procura

discutir: 1) o processo de institucionalização das ciências sociais no contexto nacional e suas implicações na estrutura de formação promovida pelas instituições credenciadoras atualmente; 2) as percepções sobre a sociologia acadêmica; 3) as opiniões acerca do fazer sociológico de mercado.

A FORMAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

O processo de consolidação de uma profissão passa pela formação de uma instituição credenciadora que possa oferecer a um grupo de recrutados um conjunto de (re)conhecimentos (DUBAR, 2012). Uma vez devidamente habilitados para a prática como “expert” em uma área previamente delimitada - ainda que em constante negociação com outros grupos - via treinamento especializado, as ocupações tendem a se organizar e tornar-se profissões. No que concerne à formação de uma estrutura nacional de profissionais em sociologia, ou de cientistas sociais, é importante destacar alguns fatos históricos e políticos.

A missão francesa, iniciada no século XIX com a chegada de artistas e intelectuais franceses ao Brasil, teve um forte impacto no sistema de ensino superior nacional. A partir da influência dessa tradição, foram edificadas a Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e a Universidade de São Paulo (1934), verdadeiras referências para toda uma incipiente produção sociológica “nacional”. Para Durand (1984), a institucionalização de uma atividade sociológica centralizada no potencial crítico, desprezando a inserção do ofício do sociólogo na lógica de profissões, é resultado de um “pacto de bom tom” entre as classes altas e média “que teve o efeito de fazer silenciar (...) preocupações com salário e profissões”. Dessa maneira, foi se construindo, via socialização, “uma definição de sociólogo que aponta para uma ideia de trabalho intelectual muito impregnada dos maneirismos, das exigências e das recompensas das hierarquias universitárias e da cultura acadêmica”.

Três décadas após a institucionalização das Ciências Sociais no sistema universitário brasileiro, é instaurada uma ditadura civil-militar, fato que reforça a valorização da contribuição crítica que a sociologia, enquanto área do saber,

poderia proporcionar a construção de estratégias de organização e emancipação. Como consequência, há uma despreocupação ainda maior quanto à profissionalização da área, o que Braga procura relacionar com a própria origem social desses estudantes. Em vista disso, "um dos pólos do continuum entre teoria e prática não conseguia conquistar o interesse dos estudantes e, por isso, as disciplinas vinculadas à estatística ou à pesquisa de campo, por exemplo, eram preteridas pelos estudantes" (BRAGA, 2009).

Como desdobramento dos dois eventos descritos acima, observamos no cientista social brasileiro uma identidade profissional cindida, em que o exercício da teoria e empiria, assim como o ofício acadêmico e do cientista social dito "profissional", são vistos, por vezes, como inconciliáveis. Embora haja todo um debate metodológico de teoria e empiria como parte de um contínuo, onde a teoria orienta e oferece recursos para se interpelar e interpretar o mundo social, enquanto a empiria devolve elementos para se confrontar ou confirmar a teoria (ALEXANDER, 1996), essa relação se objetiva para os estudantes entrevistados como dualismo e não dualidade. Dito isso, surge a hipótese de que é nas disciplinas de "Métodos" que se começa a construir uma identidade profissional, uma concepção do que é ser cientista social no âmbito do fazer profissional. Conforme o entrevistado do 4º período comenta quando perguntado das razões que o fazem sentir pertencente à área:

Eu acho que foi a primeira vez que a gente tá fazendo/tá exercendo a profissão de ser um cientista social nesses dois anos... porque assim, eu sentia que eu tava ganhando muito conhecimento... massa, massa mesmo o conhecimento que eu tava ganhando nesses dois anos, mas eu não exercia quase nada. Eu acho que, depois dessa cadeira de "métodos", é que você sabe o que é ser um cientista social de verdade, porque tem teoria, tem, é massa. Mas assim, ir ao campo e exercer o que você tá fazendo é bem melhor do que só ficar lendo teoria teoria teoria. Aí é isso que me fez sentir pertencer. (Bacharelado, masculino, 2017.1)

Uma vez compreendido o processo histórico da nossa estrutura de formação profissional, podemos explorar com maior segurança as diferentes formas de profissionalização, de "ser cientista social" que coexistem de forma conflituosa, impedindo a formação de uma identidade profissional coesa e, por conseguinte, dificultando a unidade profissional. Como descreve Durand (1984),

existem cinco eixos principais para atuação de cientistas sociais no mercado de trabalho: “a pesquisa comercial, o magistério secundário, o magistério superior (que comporta, para muitos, atividade de pesquisa acadêmica) e uma série de postos no aparelho de Estado onde ele é tido por técnico em planejamento”.

Quando perguntado aos graduandos em ciências sociais da UFPE sobre suas preferências de atuação, encontramos o seguinte resultado (Tabela 1): as duas respostas que obtiveram maior frequência foram “Uma carreira orientada para a pesquisa científica, em instituições públicas” (22,3% do total de respostas) e “Uma carreira acadêmica na Universidade (gestão de políticas acadêmicas, ensino, pesquisa e extensão)” (24,9%). O total de 7,3% que assinalaram por “Uma carreira dirigida para as oportunidades de mercado, oferecendo serviços” servem para confirmar a tese de Durand (1984) e mais tarde retomadas por Braga (2009) de que tais atividades não são equivalentes no que diz respeito às categorias weberianas de classe, status e poder. Existe, no interior do sistema intraprofissional, uma hierarquia que se exerce por meio de um “sentimento de culpa e sensação de vigilância nos profissionais na pesquisa de opinião e mercado” (BRAGA, 2009). Entende-se, portanto, ser pertinente complexificar o debate sobre essas duas concepções de ciência social: “esporte de combate ou sociologia rígida” e/ou “sociologia inventiva ou (não) ciência social”.

A SOCIOLOGIA COMO “ESPORTE DE COMBATE” OU “RÍGIDA”

É uma profissão que ninguém contrata em termo de mercado [...] porque o objeto de estudo da gente, enquanto sociedade, enquanto conflito, a gente eventualmente vai ter que tá colocando o dedo na ferida, o dedo na cara de quem não quer ser visto. é por isso que a gente sai com embasamento pra movimentos sociais, é por isso que a gente se coloca como militante de várias causas, porque a gente se identifica e a gente tem alguns aportes que vão facilitar pra poder ajudar o nosso reconhecimento com aquela causa [...] O nosso engajamento profissional com a sociedade, eu acho que isso traz muita prática de quem é de fora também. eu acho que esse é o nosso principal ponto: essas grandes violências, essas resistências, que é o próprio fazer sociológico... “a sociologia é um esporte de combate”. (Bacharelado, masculino, 2016.1)

Devido à formação histórica detalhada na primeira seção, onde se discutiu sobre a influência do evento da ditadura civil-militar para a tomada de posição da

sociologia enquanto ciência com potência emancipatória, muitas vezes os estudantes de ciências sociais são tidos, fundamentalmente, como ativistas. Se contrapondo a essa concepção, tão popular no senso comum, estão os resultados ilustrados na tabela 2, em que 66,2% do total de estudantes da UFPE responderam não participar de movimentos sociais ou políticos.

Se, por um lado, o estereótipo “militante” não se confirmou empiricamente, a valorização do trabalho acadêmico apareceu por meio dos índices de pretensões de ingresso no mestrado, com 83% do total pretendendo realizar ou já cursando o mestrado (Tabela 3).

Ao longo do trabalho empírico de Braga (2009), a valorização da autonomia e o teor crítico dos trabalhos acadêmicos produzidos em ciências sociais são destacados entre as qualidades reservadas à sociologia produzida sob tutela dos centros universitários. Enquanto campo disciplinar, “aprender a refletir” e “enxergar o mundo com outros olhos” são algumas das contribuições elencadas pelos entrevistados do autor.

Definindo-se ‘vocação’ como “um medium pelo qual o indivíduo interioriza os valores, as regras e as normas da profissão, incorporando-os ao seu mundo interior e tornando-os pessoais” (PERRUSI, 2009), pode-se pensar a forma com a qual alguns cientistas sociais orientados pela sociologia crítica/militante definem sua vocação como um “sacerdócio”. Segundo uma das definições presentes na versão online do Dicionário Aurélio sobre o termo, conceitua-se sacerdócio como “mister nobre, missão elevada”. Assim, pondo em parênteses toda a carga religiosa que o termo carrega, a relação de afastamento à noção comum de profissão justifica a afirmação de que “a sociologia não é uma profissão como outra qualquer” (MARINHO apud BRAGA, 2011) dado que há princípios emancipatórios muito caros no cerne do fazer sociológico; ela é, de fato, um “artesanato intelectual” (MILLS, 2009) ou um “esporte de combate” (BOURDIEU apud CARLES, 2001).

A CIÊNCIA SOCIAL “VENDIDA” OU “INVENTIVA”

A gente que trabalha muito no ramo de fora, meio que a gente tem que se reinventar às atualidades – sem esquecer preceitos acadêmicos, claro. Diferente do acadêmico, [...] ele não pega aquele conceito rígido de tempos atrás, mas vai especificar e destrinchar na realidade. Ele [o acadêmico] fica preso àquela

estrutura acadêmica, àquela rigidez acadêmica. O cientista social acadêmico é muito fechado e rígido, ele precisa se abrir mais” (Bacharelado, masculino, 2017.1)

Para muitos, a regulamentação das Ciências Sociais no estatuto profissional limitaria as potencialidades emancipatórias das ciências sociais e criaria um poder corporativo (DURAND, 1984) indesejado. O que não parece muito claro aos sociólogos que prestam tal defesa, ou talvez não reflita seus interesses, é que a profissionalização é um recurso importante tanto para a independência financeira (BRAGA, 2009) daqueles que buscam na formação profissional oportunidades de inserção no mercado de trabalho, quanto de fortalecimento da identidade profissional. Sobre a carência de uma “reserva de mercado”, o entrevistado do 4º período lamenta:

A sociologia, o mercado de ciências sociais, não é limitado só pra gente sabe... a gente divide com muitas pessoas: assistentes sociais, cientistas políticos, aí assim, fica muito ruim competir quando não tem uma área específica da gente, porque justamente, o curso sofre disso, o curso é muito amplo, o curso tem um conhecimento muito amplo... é uma área imensa pra você atuar num quadro que você tem que dividir com várias pessoas, entendeu? (Bacharelado, masculino, 2017.1)

Conforme afere Durand (1984), há uma “diferenciação interna, de legitimidade, de valorização e de remuneração” no grupo profissional de sociólogos. E, sendo o grupo de cientistas sociais acadêmicos aquele responsável também pela formação (magistérios superiores), são eles quem definem a dinâmica interna do grupo profissional (MARINHO apud, BRAGA 2011). Assim, reagem por vezes de forma hostil aos pesquisadores sociais envolvidos com pesquisa de mercado (BRAGA, 2011), retroalimentando o sentimento de traição por parte destes últimos. Tal distinção decorre da base marxista que tomou conta da sociologia brasileira entre a década de 1970 e 1980, a qual Florestan Fernandes é um dos representantes.

Para além dos desafios e disputas interprofissionais, o cenário de atuação do cientista social extra-universitário não é dos mais animadores. Embora existam perspectivas de altos salários, aumento da presença de institutos de pesquisa, como o IBOPE, integrando os meios de comunicação de massa, as empresas, em geral, são constituídas por poucos funcionários e a contratação

dos cientistas sociais tende a se dar por meio de contratos temporários (BRAGA, 2009). Talvez, levanta o autor, seja justamente a cisão entre as duas identidades profissionais que limite a absorção de cientistas sociais exercendo essas funções.

CONCLUSÃO

O exercício da profissão de cientista social, sobretudo, no contexto brasileiro, é um tópico ainda em construção no campo da Sociologia das Profissões. Devido à sua formação generalista, os cientistas sociais contam com um “pluralismo de formas identitárias” (DUBAR apud PERRUSI, 2009), que ora parecem se mover em torno de interesses distintos, em exclusão mútua, ora tentam competir para se impor como “sociologia por excelência”. Nesse jogo, os sociólogos de mercado se encontram em desvantagem visto que a baixo-autoestima desse subgrupo profissional em relação aos acadêmicos dificulta uma disputa mais acirrada.

Ao longo da elaboração deste trabalho, procurou-se desenvolver e problematizar, à luz da literatura, a situação de indefinição profissional que acomete os cientistas sociais. Decorrente do conflito identitário entre dois “tipos ideais” de exercício da profissão, foram colocadas em dois grandes pólos atividades profissionais que poderiam (e deveriam) estabelecer interlocuções para o fortalecimento da identidade profissional do sociólogo.

Assim, é preciso reconhecer, como (BRAGA, 2009), a importância de se construir “movimentos de preservação de identidade que abarque não só a formação, mas a profissionalização”. Retomando Durand (1984), seria particularmente potente para a sobrevivência da profissão e garantia tanto de sua área de atuação quando do espaço para intervenção crítica na/com a sociedade civil, que os princípios de igualdade, justiça e democracia, tão caros à nossa matriz disciplinar desde os clássicos, fossem equalizados com uma “cumplicidade real” no âmbito das suas várias possibilidades de atuação profissional.

ANEXOS

Tabela 1: Dentre as carreiras de cientistas sociais, caso fosse possível escolher,

Dentre as carreiras de Cientistas Sociais, caso fosse possível escolher, qual a de sua preferência? * Qual curso você está vinculado? Crosstabulation

			Qual curso você está vinculado?		Total
			Bacharelado em Ciências Sociais	Licenciatura em Ciências Sociais	
Dentre as carreiras de Cientistas Sociais, caso fosse possível escolher, qual a de sua preferência?	Uma carreira com uma forte orientação para a vida pública e pela participação nos debates políticos	Count	16	8	24
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	17,0%	8,1%	12,4%
	Uma carreira orientada para a pesquisa científica, em instituições públicas	Count	28	15	43
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	29,8%	15,2%	22,3%
	Uma carreira dirigida para as oportunidades de mercado, oferecendo serviços	Count	8	6	14
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	8,5%	6,1%	7,3%
	Uma carreira acadêmica na Universidade (gestão de políticas acadêmicas, ensino, pesquisa e extensão)	Count	14	34	48
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	14,9%	34,3%	24,9%
	Uma carreira dirigida para os movimentos sociais (assessoria), com intervenção prática em diversos tipos de organizações	Count	12	13	25
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	12,8%	13,1%	13,0%
	Uma carreira de dedicação ao ensino, como professor do ensino médio	Count	1	17	18
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	1,1%	17,2%	9,3%
	Uma carreira dedicada a produção de ensaios, livros e artigos	Count	15	6	21
	% within Qual curso você está vinculado?	% of Total	16,0%	6,1%	10,9%
Total	Count	Count	94	99	193
	% within Qual curso você está vinculado?	% within Qual curso você está vinculado?	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	% of Total	48,7%	51,3%	100,0%

qual a sua preferência? x Qual curso você está vinculado?

Fonte: Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais/UFPE (2018)

Tabela 2: Em suas horas livres de trabalho ou aulas você participa de organizações estudantis ou movimentos sociais? x Qual curso você está vinculado?



Qual curso você está vinculado? * Em suas horas livres de trabalho ou aulas você participa de organizações estudantis ou movimentos sociais Tabulação cruzada

			Em suas horas livres de trabalho ou aulas você participa de organizações estudantis ou movimentos sociais					Total
			Não	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	
Qual curso você está vinculado?	Bacharelado em Ciências Sociais	Contagem % dentro de...Qual curso você está vinculado?	67 70,5%	13 13,7%	9 9,5%	4 4,2%	2 2,1%	95 100,0%
	Licenciatura em Ciências Sociais	Contagem % dentro de...Qual curso você está vinculado?	66 62,3%	19 17,9%	12 11,3%	5 4,7%	4 3,8%	106 100,0%
Qual curso você está vinculado?	Bacharelado em Ciências Sociais	Contagem % dentro de...Qual curso você está vinculado?	133 66,2%	32 15,9%	21 10,4%	9 4,5%	6 3,0%	201 100,0%
	Licenciatura em Ciências Sociais	Contagem % dentro de...Qual curso você está vinculado?	133 66,2%	32 15,9%	21 10,4%	9 4,5%	6 3,0%	201 100,0%

Fonte: Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais/UFPE (2018)

Tabela 3: Pretende ingressar no mestrado? x Qual curso você está vinculado?

Tabla de contingencia Pretende ingressar no mestrado? * Qual curso você está vinculado?

			Qual curso você está vinculado?		Total
			Bacharelado em Ciências Sociais	Licenciatura em Ciências Sociais	
Pretende ingressar no mestrado?	Sim, imediatamente após a graduação	Recuento % de Qual curso você está vinculado?	61 62,9%	77 70,6%	138 67,0%
	Sim, alguns anos após a graduação	Recuento % de Qual curso você está vinculado?	16 16,5%	15 13,8%	31 15,0%
	Já curso o Mestrado	Recuento % de Qual curso você está vinculado?	0 0,0%	2 1,8%	2 1,0%
	Não	Recuento % de Qual curso você está vinculado?	10 10,3%	5 4,6%	15 7,3%
	Não sei	Recuento % de Qual curso você está vinculado?	10 10,3%	10 9,2%	20 9,7%
Total	Recuento % de Qual curso você está vinculado?	97 100,0%	109 100,0%	206 100,0%	

Fonte: Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais/UFPE (2018)

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. **Las teorías sociológicas desde la Segunda Guerra Mundial. Análisis multidimensional.** Barcelona: Gedisa, S. A, 1996.

BRAGA, Eugênio Carlos Ferreira. **Cientistas sociais extra- universitários: identidade profissional no mercado da pesquisa.** Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.26, p.141-167, 2009;



_____. **Novos elementos para uma sociologia dos cientistas sociais.**

RBCS, Vol. 26 n° 76, junho, 2011;

CARLES, Pierre. Pierre Bourdieu in **A sociologia é um esporte de combate.**

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PFejoCxHA0w>> Acessado em: 10 de dezembro de 2018 às 12:05

DUBAR, C. **A construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional.** Cadernos de Pesquisa. vol. 42, n.146, p.351-367, 2009;

DURAND, José Carlos. **A mal assumida profissão do sociólogo.** Revista de Administração de Empresas (FGV). Rio de Janeiro, 24, 3, 1984;

FERREIRA, Aurélio. Dicionário Aurélio Online de Português. Disponível em < <https://dicionariodoaurelio.com>>. Acessado em: 10 de dezembro às 11:37

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009;

PERRUSI, A. F. A. **Vocação, identidade e individualismo.** Política & Trabalho (UFPB. Impresso), v. 27-30, p. 27-44. 2009;